



Mulheres na Fiocruz 8M 2026¹: em defesa da vida das meninas e mulheres, da ciência, da democracia e do SUS público. Contra a misoginia, o feminicídio e a violência à população negra, pobre e de periferia!

No Dia Internacional da Luta das Mulheres de 2026, reafirmamos a necessidade de aprofundar o debate sobre os impactos da misoginia na vida das mulheres brasileiras e da comunidade da Fiocruz, propondo soluções imediatas para suas condições de saúde, trabalho e existência. Esse debate deve ser estendido a todas brasileiras e trabalhadoras do SUS. Como instituição pública vinculada ao Ministério da Saúde, a Fiocruz deve pautar sua produção científica e social no enfrentamento das desigualdades do país. Juntas, reafirmamos nosso compromisso com a vida e a dignidade, fortalecendo a luta contra os sistemas de poder e opressão patriarcais, capitalistas, racistas, homotransfóbicos e capacitistas. Tais estruturas moldam nossa sociedade e produzem masculinidades violentas que adoecem a coletividade em todas as dimensões de nossa sociedade: no trabalho, na escola, nas ruas, nas casas, na diversão, no amor, no lazer, no transporte, no bem viver.

Este 8 de março marca um momento significativo de celebração das conquistas alcançadas no Brasil e na Fiocruz. A ocupação de espaços de poder e a maior presença de mulheres negras, indígenas, travestis, trans e com deficiência nas instâncias institucionais refletem um novo ciclo político.

Embora esse cenário seja fruto de lutas históricas que nos orgulham, ainda enfrentamos a misoginia, o crescimento do feminicídio e da violência de gênero, tanto no Rio de Janeiro, como no país. Destacamos também as estratégias da extrema direita que buscam impedir a realização do aborto legal pelas mulheres e meninas que necessitam, indicando o exercício do poder patriarcal e a negação do direito à vida e ao corpo de pessoas, por serem mulheres, assim como ameaçam os trabalhadores de saúde que as atendem, quando o aborto é também uma questão de saúde pública. Vivemos o aprofundamento de crises sociais, ambientais e humanitária, agravadas pelas mudanças climáticas, pela propagação da ideologia fascista, autoritária e discriminatória e por conflitos internacionais que acenam para uma guerra em escala mundial. Diante disso, mulheres na Fiocruz unem-se aos movimentos feministas na defesa de um país que assegure vida, respeito, segurança, dignidade, voz e poder às mulheres e meninas, e a todxs que lutam por um mundo feminista.

Nesse contexto, destacamos a luta das mulheres negras, quilombolas, indígenas, idosas, transidentitárias, ciganas, LGBTQIA+, moradoras das regiões Norte e Nordeste, das favelas e periferias das cidades e centros urbanos, daquelas em situação de rua, com deficiência, privadas de liberdade, residentes do campo, das florestas, das águas. Unimo-nos também às lutas em defesa dos direitos dos povos e comunidades tradicionais, incluindo todas as suas necessidades para a garantia de sua reprodução cultural, social, econômica, religiosa e ancestral.

Episódios recentes evidenciaram como a violência de gênero está presente também nos espaços educacionais e científicos do país, como demonstrou o assassinato de uma professora e uma psicóloga no CEFET-RJ, explicitando a insegurança decorrente da misoginia presente nas relações de trabalho no Brasil. Igualmente graves, os acontecimentos registrados em Minas Gerais e o estupro coletivo contra uma menina no Rio de Janeiro.

¹ Esse é um documento elaborado por múltiplas mulheres que estão na Fiocruz e que ocupam diferentes formas de inserção institucional. Somos estudantes, bolsistas, terceirizadas, servidoras. Somos mulheres trabalhadoras negras, indígenas, brancas, de diferentes orientações sexuais, gerações, gêneros, com ou sem deficiência, com diferentes corpos, com ou sem companheirxs, mães, filhas, netas e irmãs. Somos mulheres com diferentes papéis na sociedade e posicionamentos políticos, comprometidas com uma sociedade brasileira justa, equânime e plural, compartilhando a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS) público, universal e da ciência autônoma e acessível que responda às necessidades sociais e sanitárias da população, em especial dos grupos em situação de maior vulnerabilidade socioambiental e econômica.

CARTA MANIFESTO DO COLETIVO DE MULHERES NA FIOCRUZ

8mFiocruz

8 de março de 2026



Reafirmamos que não aceitaremos que o medo seja instrumento de silenciamento, nem que a violência seja normalizada como parte da experiência de estudar, ensinar, trabalhar e viver no país.

Defender a vida das mulheres e meninas é também defender a educação pública, a ciência comprometida com a justiça social e a democracia como valor inegociável. Mais que antes, é preciso que a Fiocruz reafirme o compromisso com educação, pesquisa e trabalho que combatam racismo, machismo, misoginia, violência de gênero e qualquer exploração para uma sociedade justa e menos desigual.

Na Fiocruz, temos nos mobilizado por avanços, apoiando, executando e exigindo ações, estratégias, programas e projetos que visem o acesso e a manutenção de meninas e mulheres na ciência, na gestão, na formação e na produção de conhecimento para o SUS. Mas seguimos indignadas com o machismo, o racismo, o capacitismo e o idadismo na sociedade e na instituição. Tais opressões impactam a vida de todas as pessoas que trabalham e estudam na Fiocruz, manifestando-se em práticas, estruturas, políticas e normas que restringem oportunidades e reproduzem privilégios de grupos historicamente favorecidos.

Não aceitamos atitudes que subordinem o direito e a democracia a visões conservadoras, que submetem as pessoas à hegemonia da branquitude e do conhecimento ocidental euronortecentrado. Essa lógica se reflete na produção de soluções aos problemas de vida e de saúde da população brasileira e no modo de produzir conhecimento e ciência na Fiocruz.

Lutamos por relações igualitárias também na vida acadêmica. Embora sejamos maioria na docência, discência e pesquisa das universidades e institutos de pesquisa no Brasil, ainda somos poucas nos cargos de alto poder decisório que ainda são ocupados majoritariamente por homens brancos. A sobrecarga do trabalho doméstico, da maternidade e dos cuidados familiares permanece como destinada primordialmente às mulheres – um cenário que se agrava drasticamente ao interseccionar recortes de raça e classe, afetando de forma ainda mais severa mulheres negras, indígenas e de periferia.

Vivenciamos de forma recorrente situações que subestimam nossas capacidades, interrompem nossas falas e desconsideram nossas perspectivas. Tais relações desiguais no ambiente de trabalho resultam em adoecimento e configuram barreira para o avanço da ciência e da resolução de problemas enfrentados para o desenvolvimento do SUS. Frente a essa realidade, a Fiocruz, instituição pública e estratégica no campo da saúde, precisa reafirmar o compromisso ético-político com educação, pesquisa e trabalho que combatam racismo, machismo, misoginia, violência de gênero e qualquer exploração humana.

Essa Carta Manifesto do 8mFiocruz convoca nossa instituição a transformar suas estruturas para reduzir as desigualdades de gênero. Defendemos um posicionamento firme contra toda forma de violência, como assédio e misoginia, sintomas das relações patriarcais.

Conclamamos a construção, o monitoramento e a implementação de cada vez mais estratégias capazes de reduzir as iniquidades de gênero, raça, idade, classe e diversidade funcional, afirmando novos modos de produzir e existir em sociedade. É urgente que se garantam condições para fortalecer a participação e visibilizar as contribuições das mulheres na ciência, na saúde, na Fiocruz, no SUS e nos mais diversos campos de conhecimento, desenvolvimento científico e tecnológico, produção, gestão e formação. Isso inclui a valorização e o financiamento adequado e sustentável às ações, áreas, programas e projetos que promovam e apoiem o acesso e a permanência das meninas e mulheres nas instituições de ensino e C&T. Que se efetivem políticas, programas e projetos por meio dos quais mais mulheres ocupem posições e cargos na estrutura de poder institucional, de modo a ser possível instituir outra forma de fazer política: mais feminina, generosa e incluyente. Basta de violência contra as mulheres! Feminicídio zero! Nós nos queremos vivas, livres e seguras em todo e qualquer lugar!